

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

A construção social da Velhice na cidade de Maputo: o caso dos residentes do bairro Luís  
Cabral

Autor: Alik Abdul

Supervisor: Alexandre Mate

Presidente: Johane Zonjo

Oponente: Emídio Gune

**Maputo, Maio de 2014**

A construção social da velhice na cidade de Maputo: o caso dos residentes do bairro Luís  
Cabral

(Requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia pelo  
Departamento de Arqueologia e Antropologia)

Autor: Alik Abdul

---

Supervisor: Alexandre Mate

---

Presidente: Johane Zonjo

---

Oponente: Emídio Gune

---

**Maputo, Maio de 2014**

## **Declaração**

Declaro que este trabalho nunca foi apresentado, na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na Bibliografia as fontes utilizadas para a produção do trabalho.

Autor

---

Alik Abdul

## **Dedicatória**

Em primeiro agradeço aos meus pais e a toda minha família que sempre esteve presente para partilhar toda a minha trajectória estudantil e, pelo carinho o apoio moral prestado incansavelmente. Quero agradecer ao meu Orientador, Dr. Alexandre Mate, pela sua tamanha dedicação, pela paciência, acima de tudo pelo esforço que deu para que este trabalho se tornasse uma realidade. Obrigado orientador pelos comentários críticos, correcções e sugestões, pois foram muito úteis para chegar a esta fase. A todo o corpo docente que directa ou indirectamente contribuiu com a sua dedicação na transmissão e partilha de conhecimento. Meu especial obrigado, vai para todos os colegas de Antropologia especialmente a vocês Edson Mugabe, Osvaldo Matlava e Obonyo Guerra pelas apreciações críticas do meu trabalho e por romperem com as barreiras que existem entre nós e mostrarem dispostos a darem as suas críticas.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu Orientador, Dr. Alexandre Mate, pela sua tamanha dedicação, pela paciência, acima de tudo pelo esforço que deu para que este trabalho se tornasse uma realidade. Obrigado orientador pelos comentários críticos, correcções e sugestões, pois me foram muito úteis para chegar nesta fase.

Agradeço a todo o corpo docente que contribuiu com a sua dedicação na transmissão e partilha de conhecimento. Particularmente, agradeço a si Dr. Emídio Gune pelas suas apreciações críticas para a revisão e produção da versão final deste trabalho.

À toda minha família que sempre esteve presente para partilhar toda a minha trajectória estudantil e, pelo carinho e apoio moral prestado incansavelmente, agradeço-vos imenso. Agradeço aos meus colegas de turma, especialmente a vocês Edson Mugabe, Osvaldo Matlava e Obonyo Guerra pelos comentários, críticas e sugestões em relação à realização deste trabalho.

## **Resumo**

O presente relatório analisa as práticas do quotidiano dos idosos no Bairro Luís Cabral. A pesquisa centrou-se na observação e análise de interacções entre grupos de idosos, suas famílias e membros do Instituto Nacional de Acção Social (INSS). O foco foi sobre os subsídios básicos alocados neste bairro com o objectivo de compreender como é que grupos de pessoas, categorizadas a partir de categorias diferentes vão interagindo na base de programas políticos.

Estudos sobre o fenómeno de envelhecimento giram em volta do pressuposto do ciclo de vida, permitindo, por um lado, compreender como é que determinantes biológicos mostram-se indissociáveis do social e, por outro lado, como é o dia-a-dia das interacções entre os idosos e comunidade no geral revela contextos onde se estabelecem processos identitários. Estes estudos não permitem, desta forma, explicar como é que os idosos se posicionam perante a sociedade e as dinâmicas do espaço que estes ocupam na comunidade.

A pesquisa etnográfica permitiu, por um lado, compreender que o acto de envelhecer é tido como símbolo que medeiam as respostas sobre as trajectórias do seu dia-a-dia, onde é através da memória que os idosos conservam sua experiência de vida e depositam sua esperança na manutenção e expansão das redes de relações e fortalecimento da solidariedade. Por outro lado, permitiu compreender como essas memórias garantem, também, a manutenção da posição dos idosos como chefes de famílias, mediadores entre os vivos e os antepassados, assim como os mediadores de conflitos entre as suas famílias.

.

**Palavras-Chave:** Envelhecimento; Representação Social; Projectos de Vida.

## 1. Introdução

O presente trabalho é um relatório de pesquisa, produzido em volta do envelhecimento como um fenómeno social. Preocupado em compreender a forma como a velhice se torna um dos elementos de organização social, procurei explorar as representações sociais sobre o acto de envelhecer, tomando o bairro Luís Cabral como minha unidade de análise.

O interesse por este tema surge das constatações do quotidiano sobre a forma como têm sido tratados os idosos no bairro Luís Cabral, sendo que a convivência com os idosos têm sido orientada por discursos sobre o passado e o presente e, revelado “relações de conflitos” (Help Age International, 2006) entre as ditas novas e velhas gerações. A construção de discursos e imagens sobre o que é ser idoso ou jovem vão configurando as formas de vivência dos grupos sociais no contexto de análise, compreendendo-se elementos que mostram a complexidade das noções de velhice.

Isto pode ser relacionado com a afirmação de Graeff (2005), segundo a qual a velhice seria um processo que envolve várias assimetrias socio-culturais. O mesmo defende que o envelhecer é deslocado, deixando de ser algo restrito a um momento específico do ciclo de vida humana para afectar todas as idades.

Francisco et al (2013) num seminário de trabalho organizado pelo IESE<sup>1</sup>, olharam o envelhecimento enquanto um fenómeno previsível, onde para eles, os idosos são um recurso valioso para as sociedades, mas o seu potencial contributo não está garantido à partida. Esta abordagem, enfatiza a implementação de projectos de vida por parte dos que são considerados velhos como forma de ter e viver um envelhecimento saudável e, superando a desvalorização que têm sido vítimas.

Neste trabalho segui uma linha de pesquisa de Graeff por reconhecer que o envelhecimento é um fenómeno complexo, que articula uma multiplicidade de discursos e práticas que podem determinar directa ou indirectamente as noções de ser idoso ou não. A adopção desta abordagem, segue também, um olhar qualitativo em relação à realidade observada, preconizando a etnografia como um método deste estudo (Peirano, 1992).

---

<sup>1</sup> Instituto de Estudos Económicos e Sociais

A recolha de dados teve em conta o uso da observação participante, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais. Observei e participei em práticas de distribuição de dinheiro, entrevistei e conversei com os idosos e suas famílias no momento das suas refeições. Entrevistei também, representantes da estrutura local e, observei as práticas de tratamento de documentos para a inscrição no sistema de subsídios local. A recolha de dados permitiu compreender as nuances das lógicas das relações sociais estabelecidas pelos actores sociais no bairro Luís Cabral, e práticas, discursos, imagens construídas sobre o envelhecimento nas suas interacções quotidianas.

Quanto à estrutura, para além da Introdução na primeira, o relatório é constituído por 6 secções, a saber:

Na segunda secção apresento a revisão de literatura, onde estão apresentadas as várias e diferenciadas constatações teóricas e metodológicas sobre o assunto a discutir.

Na terceira secção apresento o quadro teórico-conceitual, onde discuto a teoria e os conceitos adoptados para a abordagem do presente tema, e a sua respectiva operacionalização. Os conceitos de envelhecimento e Representação Social são discutidos de forma a serem bem esclarecidos.

Na terceira secção apresento a metodologia, onde se mostra sobre os procedimentos usados e as técnicas de recolha de dados levadas a cabo durante a pesquisa. Na quinta secção apresento e analiso os dados de campo. Esta secção é apresentada tendo em conta dados que mostram a representação da velhice como um espaço de oportunidades de reflexão, estratégias de manipulação e mecanismos de acesso ao subsídio básico adoptados entre os residentes do bairro Luís Cabral.

A sétima secção dedica-se à apresentação das principais conclusões preliminares chegadas e discuto algumas constatações do campo de pesquisa.

### **1.1. Delimitação do Tema**

A pesquisa debruçou-se em torno da problemática envelhecimento como um fenómeno que tem vindo a colocar diversas camadas sociais em interacção, possibilitando a (re) construção de identidades e categorias sociais (Bosi, 1994).

Porém, o interesse foi de compreender os processos da construção das noções da velhice, através da identificação dos elementos que a norteiam e as representações a ela subjacentes,



tendo em conta um conjunto de actividades e normas que acompanharam e continuam a acompanhar as trajectórias dos idosos enquanto “imigrantes do tempo” (Mead, 1999: p.205-207).

A visão de Margaret Mead sobre o envelhecimento já colocava em causa perspectivas que olham para a idade cronológica (idade dos 60+), como determinante para a definição da noção da “velhice”, considerando que a concepção de “velhice” não depende da idade cronológica como um elemento exclusivo, pois o tempo dos indivíduos é socialmente construído e institucionalizado, adquirindo significados mais sociais como grupos de idade de jovens, adultos, velhos ou como legitimados para realizar ou uma determinada acção social.

Esta perspectiva mostra que o facto de a velhice ser socialmente construída, ela pode ser definido através de diversos critérios para além da idade. Neste contexto, parto da ideia de os símbolos que definem as pessoas são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente (Mead, 1999), e procuro compreender os elementos que definem a velhice, seja pela sua utilidade ou pelo seu papel de chefe de família que os mantém activos entre os residentes do bairro Luís Cabral.

## **1.2. Objectivos do Estudo**

### **1.2.1. Geral:**

Perceber as representações sociais sobre o acto de envelhecer entre os residentes do bairro Luís Cabral, na cidade de Maputo.

### **1.2.2. Específicos:**

1. Identificar os factores que intervêm na definição do que é ser velho entre os residentes do bairro Luís Cabral
2. Descrever as trajectórias socio-culturais dos velhos, tendo em conta as suas narrativas de vida
3. Analisar as relações socialmente consideradas que os velhos estabelecem com a comunidade no geral

### **1.3. Problema de Estudo**

A exclusão social dos idosos em alguns contextos moçambicanos tem sido objecto de análises políticas e académicas. Ora, essa exclusão tem sido explicada a partir do factor idade, deficiência física ou mesmo aposentadoria, onde os idosos têm sido caracterizados como grupos vulneráveis, dado que consideram-se como aglomerados de pessoas que facilmente os seus direitos podem ser violados.

Neste contexto, através do Ministério da Mulher e Acção Social, o Governo preocupado em promover e proteger os direitos da pessoa idosa, definiu, por exemplo, a prioridade nos serviços públicos ou em empresas privadas cujos serviços são do interesse definidas através do artigo 124 da Constituição da república de 1990 como direito de pessoas idosas. Com a implementação de um fundo que visa garantir a segurança social dos idosos tem-se assistido a conflitos entre os idosos e a comunidade no geral, assim como com os representantes locais da Acção Social.

Esses conflitos têm sido analisados na literatura como produto dessa exclusão social, podendo ser explicada por diferentes factores. Neste contexto duas abordagens surgiram para analisar e explicar a natureza da exclusão dos idosos, partindo da análise conceptual da “velhice”.

A primeira abordagem, asilista, centra-se numa lógica biológica cronologicamente definida, na qual todo o ser humano nasce-cresce-morre. Esta abordagem defende que a divisão do ciclo de vida em estágios ou categorias é o resultado de uma evolução científica marcada por formas cada vez mais precisa de estabelecer parâmetros no desenvolvimento biológico humano.

A centralidade neste pressuposto, leva esta abordagem a tomar a idade cronológica como elemento exclusivo de definição da “velhice”, fechando espaço para a compreensão das categorizações simbólicas e construção social da mesma. Esta abordagem pode ser compreendida dos trabalhos de autores como Bosi (1971), Beauvoir (1971), Francisco e Peter Fisker (2013) e Sugahara e Francisco (2012).

A segunda abordagem, socio-antropológica, reage contra o essencialismo do ciclo de vida e toma a “velhice” como uma construção social e contextual. Defende que o envelhecer é deslocado, deixando de ser algo restrito a um momento específico do ciclo de vida humana para afectar todas as idades, fazendo com que em todas as faixas etárias exista velhos.

Embora seja relevante por oferecer a dimensão social e simbólica da “velhice”, esta abordagem torna o “projecto de vida” como algo exclusivo e singular dos idosos, e ignora os elementos de intercessão entre a dimensão social e individual. Esta abordagem pode ser compreendida dos trabalhos dos autores como Alfred Schutz (1979), Lins de Barros (2006), Debert (1999), Goffmann (1974), Graeff (2005) e Reis (2012),

Estas abordagens possuem algumas limitações pelo facto de não serem capazes de mostrar os processos pelos quais os velhos e a sua comunidade no geral interagem. Estas limitações devem-se em parte, pelo facto de se terem orientado pela forma como as políticas do Estado tenderam a olhar para o envelhecimento, limitando-se no pressuposto segundo o qual existe uma exclusão social dos velhos.

Neste sentido, não foram capazes de nos mostrar e explicar a lógica das relações que podem não se resumir no conflito entre os velhos e sua comunidade no geral. Não foram também, capazes de mostrar como é que os velhos, dentro assim como fora de um contexto asilar se relacionam entre eles e, isolam as acções dos velhos considerando-as individuais e singulares. Portanto, a partir deste aspecto, levantei a questão: Quais as representações que os residentes do bairro Luís Cabral têm sobre a velhice?

#### **1.4. Hipóteses de Trabalho**

Identificadas e discutidas as principais linhas de abordagem e, construída a problemática de pesquisa, avancei com duas hipóteses, capazes de serem formuladas, negadas ou refutadas ao longo da pesquisa de campo:

1. Através das percepções sociais sobre as trajectórias sociais, de saberes e de práticas dos que são considerados idosos, os residentes do bairro Luís Cabral apropriam-se e reconfiguram os discursos políticos sobre o envelhecimento e reestruturam o sistema de protecção social, particularmente sobre o fundo disponibilizado especialmente para idosos, adoptado pelo Governo.

2. Tomando como base as ideias construídas sobre o envelhecimento, os idosos do bairro Luís Cabral, na sua relação com outros indivíduos, procuram desenvolver mecanismos de manutenção da sua posição social antes adquirida, com vista a garantir o controlo e manutenção do seu poder de decisão familiar. Este poder de decisão se fundamenta na ideia

de chefe de família, baseada em experiências vividas e no facto de ser este que mantém a conexão entre a família com os antepassados.

### **1.5. Justificativa**

A escolha deste tema surgiu da necessidade de compreender as representações sociais que os residentes do bairro Luís Cabral têm sobre a questão do envelhecimento. Este tema partiu da leitura sobre a problemática do envelhecimento e das constatações do dia-a-dia da forma como os velhos se relacionam com a comunidade no geral através dos mecanismos formais (adoptados pelo Governo) e das relações resultantes da trajectória dos próprios velhos enquanto membros da sociedade.

Nestas interacções, assiste-se um grupo de idosos que se beneficiam do fundo de segurança social disponibilizado pelo Ministério da Mulher e Acção Social, produzindo relações de conflitos e harmonia entre os idosos e sua comunidade. Estas interacções constituem-se como um meio através do qual se constrói um conjunto de representações sociais sobre o acto de envelhecer que podem transcender a mera explicação da “velhice” através do factor idade, mas também pelo comportamento que pode ser caracterizado como anormal no seio de um grupo de relação.

O envelhecimento coloca indivíduos em interacção. Essas interacções ocorrem dentro de um contexto específico, obedecendo uma lógica própria, onde em função de objectivos e recursos diferentes, esses idosos procuram contornar as normas traçadas pela sociedade, na procura de soluções dos seus problemas sociais, representando-se uns aos outros e construindo e reconstruindo como forma de gestão dos seus trajectos sociais.

É neste contexto que me propus a pesquisar sobre esse assunto, que por sua vez tem sua pertinência em permitir compreender e mostrar a existência de vários e diferentes formas de pensar e organizar o mundo da “velhice” em função do contexto no qual eles se encontram, daí a pertinência deste tema como objecto de estudo antropológico.

## **2. Revisão da Literatura**

Sugahara e Francisco (2012), na análise da velhice em Moçambique, comparam os argumentos construídos sobre a “velhice” com o que os burocratas fazem. Esta comparação passa pela reivindicação de um espaço onde fosse possível a definição de um conjunto de directrizes que visem a protecção dos idosos em Moçambique. Neste contexto, diferentes tendências de explicar a “velhice” foram surgindo, das quais identifiquei duas formas de abordagem a saber: a asilista e socio-antropológica.

### **2.1. Abordagem asilista**

Esta abordagem desenvolve-se nas teorias apresentadas por Erving Goffmann (1974), a qual foi denominada como teoria de “instituições totais” (Graeff, 2005) e assenta em pressupostos biomédicos e economicistas (Siqueira *et al.*, 2002), pois a sua centralidade de concepção da questão da “velhice” é o contexto asilar ou associativista, enquanto instituições formais autônomas que consistem no acolhimento de pessoas com uma idade igual ou superior a 60 anos de idade, aposentadas, mais frágeis e improdutivos (Reis, 2012).

Esta abordagem é sustentada por vários autores, dos quais destaquei (Bosi 1971; Beauvoir 1971; Dos Santos 2002; Francisco e Peter Fisker 2013; Sugahara e Francisco 2012; Siqueira et al 2002). Estes autores embora convergem no pressuposto de que a “velhice” constitui-se como um ciclo de vida, no qual se manifestaria um conjunto de características, que a sua definição estariam para além das concepções meramente individuais dos que são definidos como idosos, eles divergem na sua forma e linhas de orientação (metodológica e teórica) e contextos de abordagens.

Bosi (1971) lança uma abordagem situacional da velhice que se constrói e se insere na funcionalidade dos idosos enquanto seres intermediários das gerações posteriores e experiências do passado, através da preservação da memória. Neste debate, ela refuta o pressuposto de que a concepção da velhice deve ter o seu cerne entre o estado de produtividade e o património económico e, afirma que o envelhecimento como reflexo de configurações sociais mais amplas em que a produtividade e o património económico individual são decisivos na definição do status dos seus membros.

Na mesma linha de abordagem, Beauvoir (1971) defende que a velhice assenta num conjunto de significados negativos, que olham para a palavra “velho” como uma categoria acusatória e não meramente uma identidade social.

A velhice deixou de ser uma conspiração do silêncio e passou a ser um status. O envelhecimento é marcado pela invisibilidade e pelo descanso, onde os mais velhos são renegados ao esquecimento e à desconsideração, em uma sociedade que elegeu a juventude e a produtividade enquanto valores inquestionáveis (Idem, 1990).

Em convergência, Dos Santos (2002) problematiza o pressuposto segundo o qual existe uma fase de descontinuidade entre a velhice com as anteriores fases da vida. Este autor defende que os idosos estabelecem uma relação entre eles e com os jovens. Para este autor, aceitar que não existe uma continuidade entre a velhice e outras fases anteriores da vida, implica aceitar que o ciclo de vida ocorre de forma isolada não existindo elementos que permeiam a conexão e interação entre a fase de envelhecimento e as outras fases anteriores.

Partindo das concepções biomédicas, Siqueira et al (2002) afirmam que existem focos de estudo sobre a velhice baseados na biologia que consideram-na como sendo uma fase da vida de várias patologias sendo que merecem atenção especial do Estado. Nesse sentido, o envelhecimento é um problema social e necessita de uma intervenção do Estado através das políticas públicas viradas para a protecção dos direitos dos velhos e promoção dos serviços sociais.

Sugahara e Francisco (2012) sob uma perspectiva demográfica, olham para a questão do envelhecimento a partir de duas categorias analíticas, curva de dependência (que mostra a relação entre a população activa e não activa de um país ao longo do tempo) e curva de crescimento (que mostra o padrão da dinâmica de prosperidade de um país à medida que a sua população envelhece) (p.301).

A abordagem asilista é importante por permitir a compreensão de elementos que (des) articulam e (des) configuram as relações entre os actores sociais envolvidos em função das estratégias adoptadas durante o seu percurso temporal da vida. Para além de ser importante, esta abordagem é problemática, por reproduzir uma visão de política pública, que a partir da idade define quem é capaz e quem não é, concentrando no espaço, ordenando o tempo e centralizando a autoridade e racionalizando os esforços dos que são definidos como idosos.

No sentido geral, esta abordagem olha para os asilos e associações como instituições totais de mortificação do eu (Graeff, 2005) dado o fechamento e controlo que estas instituições se têm engajado. Esse aspecto exclui aspectos simbólicos que podem interferir na definição de ser ou não idoso (caso da feitiçaria em alguns contextos moçambicanos-que serão relevantes o seu levantamento no percurso da pesquisa de campo) e, não abre espaço para a compreensão da relação entre idoso com as pessoas que estão a sua volta sejam familiares ou não e, as dinâmicas que estas relações suscitam.

## **2.2. Abordagem socio-antropológica**

A abordagem asilista ao se centrar numa lógica biológica e cronológica na qual todo o ser humano nasce-cresce-morre torna-se problemática porque concebe a velhice como um problema social universalmente reconhecido, não abrindo espaço para a compreensão das relações daqueles que convivem em “harmonia” com os idosos e, a considerar que o ser idoso se define simplesmente pela idade e situação de aposentaria.

A abordagem socio-antropológica, sustentada por autores como (Alfred Schutz 1979; Lins de Barros 2006; Debert 1999; Goffmann 1974; Graeff 2005; Reis 2012), parte de perspectivas construtivistas e interaccionistas procuram mapear um conjunto de práticas e representações do quotidiano que norteiam a velhice enquanto um problema social. Esta abordagem defende que a mortificação ou silenciamento do sujeito não ocorre de forma linear nem revela o tal fechamento, pois, em alguns asilos têm-se assistido a adoção de políticas de abertura (Graeff, 2005).

Schutz (1979) traz um contributo significativo no estudo da velhice enquanto objecto de estudo antropológico, dada a pertinência da fenomenologia que lança enquanto uma orientação teórica para análise de micro-eventos sociais. Em Fenomenologia e Relações Sociais, ele centra o seu debate sobre a questão da intersubjectividade como uma característica da vida social.

Para este autor, o “envelhecer” pode ser compreendido nesta intersubjectividade, dado que ela é construída pelo compartilhamento de um quadro de significados e tipificações a partir do qual é possível se estabelecer uma comunicação e interacção significativa entre os actores envolvidos.

(...) O sistema de tipificações e relevâncias compartilhado com os outros membros do grupo define papéis sociais, as posições e o status de cada um. Essa aceitação de um sistema comum de relevâncias leva os membros do grupo a uma auto-tipificação homogénea (Schutz, 1979: p. 82).

Neste sentido, Schutz (1979) defende que os indivíduos têm um repertório de valores e regras de comportamento que têm à mão, o que lhes permitiria traçar caminhos a serem percorridos na direcção de determinados objectivos de seus interesses. É neste contexto que se vê desenvolver a abordagem projectista que se dedicou na análise das interacções dos sujeitos no mundo do significado.

Em relação a este aspecto, Lins de Barros (2006) no artigo sobre a trajectória dos estudos da velhice no Brasil, mostra que o percurso científico do estudo da velhice não está isolado dos processos sociais, e através de um filme etnográfico que ela analisa chuvas de Verão, produzido por Cacá Diegues, afirma:

[...] o tempo do curso de vida, do nascimento à morte; o tempo do passado elaborado pelas lembranças; o do futuro vislumbrado na construção de projetos de vida, todas estas temporalidades estão conjugadas com outra dimensão do tempo, o tempo da biografia de cada indivíduo que, na sociedade moderna, é capaz de se perceber como uma trajectória e, ao mesmo tempo, como parte de uma história que o engloba e que ele mesmo constrói (p.111).

Baseada em depoimentos de mulheres de mais de 60, católicas e das camadas médias do Rio de Janeiro, Lins de Barros (2003) mostra que a velhice não impede a elaboração de projectos. A percepção da velhice como o último momento de vida que torna possível a formulação e execução de um projecto de vida, pois os sistemas de tipificações e campos de possibilidades definitivos como constituintes do obstáculo da realização dos projectos individuais dos velhos.

Na mesma linha de abordagem, Debert (1999) levanta uma questão que seria a da reinvenção da velhice, onde como forma de se superar a tais considerações negativas que estão associados a palavra “velho”, introduziu-se a categoria “terceira idade”. A reinvenção consiste no reconhecimento de que o ciclo de vida é uma construção social e que, convocar os idosos a assumirem um papel activo na condução da sua própria trajectória de envelhecimento, circunscreve-se num processo de responsabilização individual da trajectória de envelhecimento deveria ser acompanhada pelo reconhecimento da heterogeneidade que



marcaria as diferentes condições dos indivíduos de aderirem aos múltiplos programas recomendados para superação da velhice.

Em *Frame Analysis* (1974), Goffmann levanta o conceito de enquadramento o qual permite mapear os processos de negociação registados textualmente (Reis 2012). Aqui o conceito de projecto desenvolve-se e torna-se importante para permear definições em torno do envelhecimento no que se refere aos seus conflitos, desencontros e reelaborações.

Este conceito, insere-se na mesma lógica de abordagem de Schutz (1979) dada a sua similaridade no conceito projecto, onde refuta-se a identificação do conjunto de elementos através do qual determinado contexto é organizado e ganha um sentido coerente e sistemático. Esta organização e sentido coerente e sistemático ganho, compartilhado, permitem a interação entre diferentes actores sociais de maneira significativa.

Por sua vez, no estudo etnográfico no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre, Graeff (2005) propõe a formulação do conceito cultura asilar a partir da análise das condições de vida e do processo de envelhecimento dos moradores daquela instituição. Defende que as actividades dos idosos asilados não podem ser explicadas pelo meio em que se encontram, daí que há necessidade de se compreender as carreiras de velhice (maneiras de viver e de re-significar a condição de asilamento), os ritmos quotidianos (que conformam a própria temporalidade na cultura asilar), suas narrativas (sujeitos de experiências singulares).

Esta abordagem foi pertinente dado que se por um lado reconhece o ciclo de vida enquanto uma construção social, por outro reconhece que as concepções sobre envelhecimento são construídas em contextos específicos, onde a sua compreensão não seria possível sem a exploração dos discursos e práticas do dia-a-dia do que define a velhice, quais são os principais indicadores do envelhecimento.

Como ilustra Reis (2012), a abordagem projectista de envelhecimento assenta num individualismo extremista ao enfatizar o valor da autonomia, empenho e liberdade individual e experiências singulares dos indivíduos. Esta afirma que o acto de se ocupar é uma boa parte fundamental de bom envelhecer e expressa as diversas modalidades de ocupação possíveis a partir da valorização do sujeito enquanto um ser autônomo e independente capaz de decidir e traçar seus métodos de procedimento.

### **2.3. Abordagem Adoptada**

Estando ciente das limitações, para o presente trabalho adoptei a abordagem socio-antropológica, porque é importante porque ao permitir ir para além da lógica biológica e cronológica sobre a velhice, e conceber o ciclo de vida como uma construção social. Esta abordagem, permitiu também compreender os processos da construção da velhice entre os residentes do bairro Luís Cabral, identificando desta forma, os elementos que interferem na definição da velhice e articulá-los tendo em conta as assimetrias de poder na relação entre os idosos e sua família e autoridade local.

O reconhecimento da relevância desta abordagem, passou pela consciência da forma como ela instrumentalizou o conceito de projeto ao ser utilizado como instrumento operativo, tanto para explorar as diferentes trajectórias de envelhecimento em suas particularidades, tanto para captar a ideia amplamente defendida de que é necessário ocupar a velhice com projetos que mantenham os indivíduos em actividade. Esta abordagem permitiu-me compreender como é que os indivíduos interagem por meio de políticas públicas e, como é que nestas relações produzem e reproduzem as representações sobre a velhice.

### **3. Quadro teórico-conceitual**

Nesta fase pretendo apresentar e discutir a teoria que vai orientar o meu trabalho e articulá-la com os principais conceitos definidos. Esta teoria foi pertinente porque permitiu-me compreender as nuances da vida quotidiana sobre o envelhecimento e articular com os conceitos-chave.

A teoria de construção social da realidade defendida por Peter Berger e Thomas Luckman é importante para a compreensão das práticas sociais e no mapeamento dos processos que interferem na construção da realidade enquanto algo prático. Ora, o interaccionismo simbólico constitui-se como um instrumento teórico para a análise das relações que os indivíduos estabelecem entre eles, no percurso das suas trajectórias socio-culturais.

Neste contexto, foi pertinente olhar para estas teorias como bases fundamentais para a compreensão e análise do fenómeno envelhecimento que me propus a levar a cabo, tendo em conta a teoria de representações sociais defendida por Moscovici (1969), como ferramenta teórica, que para além de permitir a compreensão das interacções entre os indivíduos, sua relação com a sociedade, preconiza a ideia da representação da realidade. Estas teorias foram tidas como importantes neste trabalho para análise do envelhecimento.

O interacionismo simbólico apresentado por Blumer (1969) defende que a interacção é elemento que constitui as formas de comportamento, e a natureza dos objectos do mundo social é simbólica. Ele mostra respeito pela natureza da vida e da conduta do grupo humano, estando na vida grupal a condição essencial para a consciência, mundo de objectos e construção de atitudes.

Defende que o que o comportamento humano é auto-dirigido e observável, no sentido simbólico e interacional, permitindo o ser humano planejar e dirigir suas acções em relação aos outros e conferir significado aos objetos que ele utiliza para realizar seus planos.

Embora Blumer (1969) ignore a estrutura social e as relações de classe, dada a sua centralidade em enfatizar a vida quotidiana e a formação social do indivíduo, retrata a acção do ser humano na relação com o mundo, focalizando a natureza da interacção, a dinâmica social entre as pessoas. Esta teoria permitiu-me olhar para a definição da velhice tendo em conta um conjunto de interecções entre os actores envolvidos, no acto da identificação.

Optei teoria das representações sociais defendida por Moscovici (1969), pois permite, por um lado, operacionalizar a abordagem adoptada em função dos objectivos de pesquisa e, compreender a lógica da construção das categorias identitárias que configuram a forma como os indivíduos se relacionam, por outro.

Estas representações sociais constroem-se num processo mútuo, sendo que esta teoria foi pertinente porque me permitiu compreender como é que a velhice é construída como um problema social que se precisa superar.

Este processo da construção das representações através do real compreende-se a partir da articulação entre os elementos mediados pela operação de simbolização, onde o real existe pela constituição subjectiva e simbólica do sujeito compartilhada histórica e colectivamente.

### **3.1. Conceitos-chave**

Nesta fase, apresento de forma operacionalizada os conceitos que orientam a compreensão das imagens e comportamentos que giram em torno dos discursos sobre a velhice no bairro Luís Cabral, tendo em conta a relação que estes conceitos podem estabelecer entre eles. Desta forma, identifiquei dois principais conceitos: envelhecimento e representação social.

#### **3.1.1. Envelhecimento**

Rei (2012) olha para o envelhecimento como um fenómeno social susceptível de profusão de interpretações e análises que ganham visibilidade ressaltando os impactos que as transformações demográficas em curso trazem aos grupos etários mais velhos, com seu aumento em termos numéricos. Defende que o envelhecimento é uma experiência, uma sensação em que os indivíduos experimentam e significam o acto de envelhecer. Assim, estudar o envelhecimento e seus significados implicaria a análise das categorias construídas.

Por sua vez, Sagahara e Francisco (2012) olham para a questão do envelhecimento a partir dos pressupostos demográficos, buscando os conceitos de curva de dependência e curva de crescimento, explicando este fenómeno (envelhecimento) como epifenômeno das transformações demográficas que ampliaram os segmentos etários mais velhos e que prometem transformar ainda mais profundamente a composição etária do mundo.

Apoiando-me na concepção de Reis, neste trabalho concebo o envelhecimento como um processo e fenómeno social dinâmico, contextual que subjaz explicações e experiências diversas de ser idoso em função de grupos de interacção. Ao me focar na busca das implicações simbólicas e semânticas que dão forma e sentido à velhice e ao processo de envelhecimento ao longo do tempo, fui além do ponto de vista essencialista e universal, pois só assim foi possível reconhecer que as explicações sobre o envelhecimento vão para além de determinantes demográficos e ciclo de vida.

### **3.1.2. Representação social**

Da Matta (1985) na abordagem sobre as variáveis tempo e espaço, faz compreender sobre a configuração e reprodução das identidades sociais. Para este autor, este processo se circunscreve numa base de representação, onde a construção de imagens seria um elemento crucial para a construção da realidade, seja a nível de categorias identitárias ou o reconhecimento dos valores socioculturais que lhe convém, em função do tempo e espaço.

Por sua vez, partindo de perspectivas de Moscovici, Froy (2010), adoptou a representação social como uma construção mental da realidade que possibilita a compreensão e organização do mundo, bem como orienta o comportamento. Para este autor, os elementos da realidade, os conceitos, as teorias e as práticas tornaram-se submetidos a uma reconstituição a partir das informações colhidas e da bagagem histórica pessoal e social.

A pesquisa tomou em conta as dimensões sociais e simbólicas na forma de abordar a representação social. A teoria de representação social permite explorar e articular o domínio individual e colectivo da realidade social. É nesta perspectiva que trato a representação social como um conjunto de imagens e discursos construídos para significar um determinado fenómeno social, tendo como base a relação entre o mundo objectivo e subjectivo. Neste trabalho, tomo de forma minuciosa, as considerações de Goffman (1983) quando esboça uma teoria da representação do “eu” na vida quotidiana, segundo as quais:

(...) as representações diferem, evidentemente, no grau de cuidado expressivo dos detalhes que existem. No caso de algumas culturas estranhas a nós, estamos dispostos a ver um alto grau de coerência expressiva (Goffman, 1983: p.55).

#### **4. Método e técnicas de recolha de dados**

A adopção do método e técnicas de estudo são seguidos pela respectiva justificativa. Para além de adoptar a pesquisa bibliográfica (recolha de obras, livros, artigos científicos, manuais, documentos oficiais e jornais) como uma fase fundamental para o procedimento da pesquisa, para além de técnicas como bola de neves, adoptei três principais técnicas de recolha de dados na minha pesquisa etnográfica, a saber: observação participante, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais.

A adopção do método etnográfico e técnicas vai ao encontro do pressuposto segundo o qual, a antropologia se reproduz e desenvolve através da pesquisa etnográfica. Esta pesquisa é realizada num processo de interacção entre o pesquisador enquanto sujeito de pesquisa e informante enquanto fornecedor de informação, capaz de influenciar na produção do conhecimento produzido e a sofisticação da própria etnografia enquanto um instrumento metodológico dinâmico (Peirano, 1992).

A recolha de dados foi feita entre os residentes do bairro Luís Cabral, cidade de Maputo. O projecto consistiu na recolha de dados que relatam a questão do envelhecimento, tendo em conta os discursos, práticas e representações que podem estar associadas com a sua definição como um problema social ou não.

No processo da recolha de dados identifiquei grupos de idosos politicamente – idosos beneficiários dos subsídios básicos; identifiquei grupos de pessoas representadas como idosos pelas autoridades locais. No mesmo processo, identifiquei os responsabilizados pela distribuição dos subsídios básicos, família dos idosos beneficiários e não beneficiários.

O uso da observação participante foi importante porque permitiu ver as actividades do dia-a-dia dos residentes do bairro em estudo. Observei as actividades dos idosos de limpeza de junção e entrega de lixo à equipa de saneamento; observei e participei em encontros de alguns idosos nas práticas de comer junto. Observei também, alguns casos de consumo de bebidas alcoólicas de fabrico caseiro e em bares, tanto por parte de idosos e camada juvenil no bairro Luís Cabral.

Durante a observação participante, tive a oportunidade de participar de “poucos” casos de encontro dos idosos no processo da distribuição dos subsídios básicos no círculo local do bairro e de casa em casa de alguns idosos. Participei em dois eventos de reunião familiar de casa de dois idosos e entrevistei idosos e suas famílias.

Na comunidade no geral, conversei e entrevistei com membros religiosos, pessoas a beber em dois bares do bairro. Essas conversas e entrevistas foram mais abertas, realizadas dependendo dos dias. Por exemplo, houve casos em que as entrevistas eram realizadas com grupo de duas ou mais pessoas e, em que as conversas eram de grupo de cinco ou mais (particularmente entre pessoas saindo da igreja).

Entrevistas e outras técnicas adotadas permitiram-me estabelecer uma relação de mais aberta com os informantes na realização da pesquisa, sendo que foi possível mergulhar no seu universo social com vista a captar os elementos sobre a sua vida familiar, política e económica. As conversas informais constituíram-se como uma das técnicas menos formalizadas, sendo que dependendo das circunstâncias, ia estabelecendo com os informantes (que as vezes convidavam para as suas igrejas para ver como os idosos se posicionam nas suas igrejas).

As entrevistas semi-estruturadas foram, muitas vezes, realizadas com 5 cinco responsáveis pela avaliação dos pedidos ao acesso ao subsídio básico e sua distribuição, dos quais fizeram parte três permanentes (duas do sexo feminino e um masculino) e dois delegados (um do sexo feminino e outro masculino).

Estas entrevistas cingiram-se apenas sobre os critérios criados de acesso aos subsídios e as formas de distribuição e, sobretudo, sobre os mecanismos de divulgação dos mesmos. Para tal, algumas das entrevistas foram tidas com os chefes de quarteirão por serem elementos que intermedeiam a relação entre estes e os idosos.

## **5. Resultados preliminares de estudo**

### **5.1. Caracterização da área de estudo e dos Informantes Localização**

O bairro Luís Cabral, situa-se no distrito KaMubukwane, com bairros circunvizinhos (bairro de unidade 7, bairro do Jardim e bairro do Chamanculo) e, também, faz fronteira com o Município da Matola. Nos arredores encontram-se cemitério de Lhanguene, instituições administrativas, instituições do ensino e também algumas empresas tais como: Faculdade de Veterinária da UEM, Faculdade de Engenharia da UEM, Administração Nacional das Estradas (ANE), Laboratório Hidráulico de Moçambique (LHM), Mazda, Hyundai, Instituto Superior Dom Bosco (ISDB), Ford e Empresa Química.

#### **5.1.1. Organização político-administrativa, social e económica**

Até 1975, o bairro pertencia a Junta local da Munhuana, no distrito de Lourenço Marque, e era controlado por um regulado de nome Matipote e depois substituído pela rainha Tembe, estes eram encarregues para a solução de problemas sociais do bairro, em casos mais graves passava para a polícia local, que nessa altura a mesma fazia patrulha de cavalos (Chichava, 2012).

A partir de 2009, os distritos foram passando por mudanças administrativas, sendo que foram adoptadas mudanças nas designações, tendo passado o distrito urbano nº 5 a se designar distrito KaMubukwane. Em termos de divisão político-administrativa, este bairro é composto por dez células designadamente, A, B, C, D, E, F, G, H, I e J. Este bairro possui, oficialmente, 83 quarteirões, sendo que cada quarteirão possui 35 casas registadas, cada bairro com o seu respectivo representante.

A estrutura administração do bairro segue a seguinte hierarquia: o secretário do bairro, os secretários das células, chefes de quarteirões e, os chefes de 10 casas. Este bairro está organizado por agregados familiares. Não existindo um padrão de emprego, as pessoas dedicam-se a actividades variadas, sendo o mercado e suas casas (bancas, barracas e bares), agricultura para a venda e consumo e construção civil e, algumas pessoas são funcionários públicos e privados.



### **5.1.2. Infra-estrutura**

Para além de existência de sistemas de abastecimento de água canalizada e energia eléctrica, o bairro Luís Cabral possui 6 instituições de ensino, das quais, encontra-se o Instituto Superior Dom Bosco, três de ensino primário completo, que lecciona de 1<sup>a</sup> a 7<sup>a</sup> classes (Unidade 5, Unidade 6 e Unidade A) e duas comunitárias (Estrela Vermelha e Mabotine). A primeira escola comunitária lecciona de 8<sup>a</sup> a 12<sup>a</sup> classe e, a segunda é de ensino primário completo.

O bairro possui duas empresas, uma de venda de material de construção, revendedora de cimento nacional e internacional e fabricadora de betão (empresa química) e, empresa de venda e compra de metais e sucatas (sucata Lopes). Possui um mercado, conhecido localmente de dumberengue<sup>2</sup>, duas padarias, um posto de saúde privado (Mapinhane) e duas farmácias, com uma multiplicidade de igrejas que professam religiões diferentes e, um posto policial local que se encontra à beira da EN4, frente à padaria.

### **5.1.3. Caracterização dos informantes**

O facto de os informantes viverem em células diferentes permitiu-me procurar compreender as relações e as interligações entre eles. Foram realizadas entrevistas e conversas informais com 15 idosos, 2 delegados e 3 permanentes, 10 membros da comunidade no geral (somente em 4 células - A, C, E, F), 4 chefes de quarteirões e 5 membros de família dos idosos. Os informantes (idosos) entrevistados compreendiam de 55 anos a 80 anos de idade.

O perfil dos informantes era variado, dependendo do nível de escolaridade que cada entrevistado possui, o número de pessoas que compõem uma família determina o valor de subsídio, a religião e o engajamento político dos idosos. Dos 15 idosos entrevistados, 2 se encontravam na situação de aposentados e outros 13 beneficiavam dos subsídios simplesmente pelas suas condições sociais que não eram consideradas como favoráveis (dos quais 5 são do sexo masculino e 10 feminino).

---

<sup>2</sup> Nome surgido das pequenas actividades realizadas fora do mercado municipal, onde os operadores deviam ter capacidades de correr quando aparece os polícias municipais

## 5.2. Os “acamados”: um discurso político-administrativo sobre a velhice

O discurso produzido entre as entidades de gestão dos bens públicos que asseguram o bem-estar daqueles que são identificados como idosos é em parte, uma construção política para garantir a valorização dos idosos e o controlo da população idosa.

Esse discurso resume-se na expressão “acamados”. Numa conversa com a dona Marta permanente no processo de distribuição dos subsídios, mostrou que os “acamados” são os deficientes, também designados por esta, como aqueles que não aguentam se locomover, que estão de cama. Por outro lado, esse discurso tem uma outra lógica de explicação que pode ser política, que define quem está num bom estado de saúde ou não.

Relatórios administrativos consultados sobre a distribuição dos subsídios aos idosos, revelam que a maioria dos idosos acamados apresenta deficiências físicas, e enfrentam, uma série de obstáculos físicos e interpessoais, na realização das actividades da vida diária e, estes obstáculos fazem com que eles percam o controlo sobre suas acções, o que lhes conduz à insegurança e rebaixa a sua autonomia. A propósito disto um dos meus informantes afirmou:

“Nós chamamos de acamados aquelas pessoas, não só com uma idade compreendida entre os 60 anos para frente, mas também pessoas que embora não tenham atingido uma idade avançada, não possuem condições para sustentar sua vida, ou que estejam padecendo de doenças variadas”<sup>3</sup>.

Estas considerações podem estar relacionadas com as afirmações de Mendes et al (2006), segundo as quais, o maior desafio na atenção à pessoa idosa é conseguir contribuir para que, apesar das progressivas limitações que possam ocorrer, elas possam redescobrir possibilidades de viver sua própria vida com a máxima qualidade possível.

O acamar-se que se verifica no discursar dos representantes do Instituto Nacional de Acção Social (INAS) neste bairro, não pode ser pensado como algo produzido neste contexto, mas que é produto de políticas públicas provenientes dos Órgãos Centrais que tendem a se reproduzir, tanto nos discursos das estruturas administrativas, assim como nos seus relatórios.

Confrontados com as explicações sobre a velhice por actores que não têm vínculo directo com as políticas de velhice, o estar acamado torna-se uma expressão pejorativa que renega o

---

<sup>3</sup> Entrevista com dona Marta no dia 20/09/13

espaço de actuação daqueles que são considerados idosos e, marginaliza as suas experiências de vida. A propósito disto, um meu entrevistado afirmou:

“[...] ficamos muito gratos quando um governo como o nosso assume que nós temos necessidades, e que precisamos de ser incorporados em tabelas do INAS, mesmo que não tenhamos tido nenhuma ligação com o Estado. Mas, desculpa-nos, isso é triste quando nos chamam de acamados. (...) pensam que todos nós somos analfabetos, mas não o somos. Temos acesso a alguns papéis, e lá vem “acamados”<sup>4</sup>.

Ainda sobre esta questão, um outro informante salientou:

“(...) ainda consigo fazer muita coisa, com a minha mulher vamos a machamba em Boane e Matola Gare, em nenhum momento fiquei na cama só para esperar os 250 meticais dados pelo INAS. Penso que os que pensaram nesta expressão, poderiam ter sido um pouco mais modestos, nem todos são/estão acamados e, mesmo os que andam doentes, no contexto como nosso, poderiam ser dados o seu lugar”.<sup>5</sup>

Embora estes dois discursos parecem conflitar por causa da forma como se expressam, é necessário notar que os idosos beneficiários e não beneficiários e a comunidade constroem suas percepções sobre o que é a velhice. Essas percepções, para além de serem discursos individuais, são construções sociopolíticas que suas lógicas intermedeiam os elementos biológicos e sociais como factores fundamentais para explicar a velhice.

Dados etnográficos revelam que embora as percepções sobre a velhice possam variar dos níveis de escolaridade e de vida que as pessoas têm, elas são construídas tendo em conta os espaços de frequência dos actores, que poderiam ser discutivelmente classificados como idosos.

Esses dados problematizam a visão e as produções generalistas e essencialista sobre a problemática da velhice (Bosi 1971; Beauvoir 1971; Francisco e Peter Fisker 2013; Sugahara e Francisco 2012), que olham para o fenómeno envelhecimento embora na sua vertente social, cultural, política, económica e simbólica, limitam-no em dados quantitativos que resumem-se em classificar a velhice como uma fase marcada pela idade.

---

<sup>4</sup> Entrevista com um grupo de 10 velhos (2 homens e 8 mulheres) na círculo do bairro (prestes para receber o subsídio) no dia 27/09/13

<sup>5</sup> Entrevista com o velho Mazuze e beneficiário dos subsídios no dia 28/09/13

Interações entre diferentes actores sociais do bairro Luís Cabral, em espaços como bares e campos de futebol, mostram práticas e discursos que tendem a definir quem é ou não idoso. Geralmente, as pessoas assumem categorias variadas em função dos lugares que se encontram, onde em alguns como bares e campos de futebol, jovens considerados fracos<sup>6</sup>, cansados<sup>7</sup>.

No bairro existem muitos estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas neste bairro. Os bares Zilito e Zonk são classificados como sítios de movimentos. Observações e conversas com pessoas de diferentes faixas etárias (16 anos para diante), nas barracas de venda de bebidas de fabrico fabril (cerveja e beijo da mulata<sup>8</sup>-as mais focadas pelos informantes) e caseiro (os swi wiriwiri, xilalassani e sope), revelam que as designações do que é idoso ou não podem simbolizar uma forma de repreensão social, através da qual se condena os alcoólatras considerados aqueles que estão à margem das normas e hábitos e bons costumes na comunidade.

Portanto, essas revelações permitem-me afirmar que relatórios sobre a problemática da velhice, como o caso dos relatórios da “Help Age Internacional em Moçambique”, se por um lado exageram e generalizam as explicações sobre os elementos principais que definem a velhice (como o caso da feitiçaria), por outro lado são importantes porque revelam que a produção de discursos de exclusão dos que são considerados como idosos é uma realidade. Neste bairro, todos aqueles que são considerados como idosos tendem a ser negados um espaço de representação e afirmação da sua auto-estima.

A propósito dessa questão, um dos meus entrevistados referiu o seguinte:

“o que esperas de gente bêbada (?), claro que são jovens, mas são idosos, sua aparência não diz aquilo o que ele é, mas o que ele não”<sup>9</sup>.

Ainda sobre a mesma questão um outro entrevistado sublinhou:

---

<sup>6</sup> Aqueles que em todo o rolar do jogo reclamam de ser chutados frente ao árbitro, são pelos amigos considerados velhos

<sup>7</sup> Geralmente são consideradas cansados, nos bares ou não, aqueles que são dependentes do álcool, seja de fabrico caseiro ou fabril

<sup>8</sup> Chama-se “beijo da mulata” as bebidas secas, a tentação por ter uma marca de um beijo pintado a vermelho

<sup>9</sup> Conversa com Paulo, residente no bairro no dia 08/11/13

“(...) sou idoso por fora, mas jovem por dentro. Os nossos filhos são muito jovens, mais aos 15 anos começam a degradar a sua aparência, suas capacidades físicas começam a limitar-se, nem tudo pesado pode fazer”<sup>10</sup>.

Concordando com estes, outro entrevistado afirmou o seguinte:

“Há pessoas que são velhas mas não parecem ser velhas. Velhice nem sempre tem a ver com a idade, mas com o comportamento que as pessoas levam. Vê-se pessoas que nem têm pelo menos 30 anos de idade, mas já estão cansadas, cheias de rugas na cara, pele caída e capacidade física gasta”<sup>11</sup>.

A representação social dos idosos coloca vários actores (idosos colocam suas famílias, representantes das organizações de agenciamento e a comunidade) em interacção, fazendo com que a imagem sobre o idoso reproduzida no meio social seja um elemento de caracterização das pessoas que podem assim como não assegurar financeiramente o seu futuro, com ou sem posse, indigentes ou não.

Em relação a este ponto, pode-se refutar aquilo que Ariès (1978: 21) chamou de “os patriarcas com experiências preciosas”. Esses patriarcas, são aqueles idosos que desfrutam de certa posição no seio da família e na comunidade que podem directa ou indirectamente, administrar os seus bens e serem dignos de respeito (o que mostrarei na secção seguinte).

Portanto, embora o discurso das organizações de agenciamento dos grupos dos idosos (que caracteriza as estruturas locais de alocação e gestão do fundo para o subsídio dos idosos disponibilizados pelo INAS) e o do resto da comunidade (idosos e suas famílias) sejam divergentes, apresentam uma convergência ao entenderem a velhice, como uma etapa de debilidade física, fase final da vida.

---

<sup>10</sup> Entrevista com senhor Marcos no dia 10/11/13

<sup>11</sup> Entrevista com Célia, representante da área de recenseamento militar na Administração Local no dia 09/11/13

### **5.3. Envelhecer e outras oportunidades de reflexão entre os idosos**

A ocupação dos idosos foi uma das temáticas que marcou a literatura antropológica brasileira, pois os idosos foram sendo associados aos asilos como um espaço onde pudessem repousar. Este aspecto tornou-se preocupante dado que os idosos foram representados como aqueles que são incapazes de traçar planos de ocupação do seu dia-a-dia.

Em Moçambique, pouco debate existe sobre esse assunto, a não ser que se colocar como um desafio a ser encarado pelos fazedores da lei (Sugahara e Francisco, 2012). Falar de ocupação dos idosos associa-se a abordagens de projectos de vida. É aqui se revela a relevância do interacionismo como um instrumento teórico na análise das trajectórias dos indivíduos como membros de uma sociedade.

Partindo das narrativas individuais dos idosos de Luís Cabral, procuro construir uma história de vida destes e colocá-la em confrontação com elementos da literatura e, mostrar que a singularização e individualização de tais projectos de vida (das actividades que os idosos levam a cabo no seu dia-a-dia) são determinações sociais e, estão para além das vontades individuais. Nesse sentido, exploro quatro casos que serão apresentados em forma de episódios, de quatro idosos que sua vida não se resume na expressão “acamados”.

A socio-antropologia projectista defendida por Alfred Schutz (1979), Lins de Barros (2006), Debert (1999), Goffmann (1974), Graeff (2005) e Reis (2012) ao reagir contra o essencialismo da questão da velhice, considerou o acto de envelhecer como algo deslocado, que transcende a dimensão privada, deixando de ser algo restrito a um momento específico do ciclo de vida humana para afectar todas as idades.

Ora, abordagens projectistas embora reconheçam que em todas as faixas etárias existem idosos, partindo de pressupostos construtivistas e interacionistas mapeiam um conjunto de práticas e representações do quotidiano que norteiam a velhice enquanto um problema social. Portanto, dados etnográficos permitem mostrar que as considerações projectistas, segundo as quais, os indivíduos têm um repertório de valores e regras de comportamento que têm à mão, não se constituem como um dado único, acabado e linear, visto que tais caminhos não são produtos de interesses singularizados e individuais.

Realizar as actividades transcende os interesses individuais de querer fazer alguma coisa, pois, as pessoas que estão à volta definem as actividades para os idosos e atribuem um significado para as mesmas como uma forma de encorajar à aderência por parte dos idosos.

Dados etnográficos revelam que as actividades realizadas pelos idosos constituem-se como um conjunto de valores, considerados pelos idosos, como costumes da nova sociedade, que o seu desenrolar não implica escolhas individuais, mas antes, pessoas (filhos, netos e comunidade) é que ditam e reforçam-nos, positivamente e negativamente a realização das mesmas.

Histórias de vida exploradas e observação de alguns casos das relações entre os próprios idosos mostram que embora a feitiçaria seja olhada como um elemento base de categorização dos idosos, o que dita a valorização, aproximação da comunidade aos idosos são as trajectórias e experiências de vida destes e o relacionamento que vinham tendo com seus filhos. Portanto, o cenário dos idosos de Luís Cabral distingue-se do de alguns idosos que vivem nas cidades, que o amparo familiar é “forte”.

Em Luís Cabral, os idosos quando acordam já têm seus espaços definidos para se sentar, sabem o que vão fazer, ou seja, têm o plano diário. Das observações feitas, se existem, poucos sentam e conversam com seus filhos e/ou netos. Se uma casa tem dois idosos, estes conversam entre eles (este é o caso do casal vovó Zita e Teresinha). A vida dos idosos resume-se em acordar, sentar-se, embora algo seja feito, mas fica a parecer que ninguém vê o que os idosos fazem.

Portanto, para mostrar como é que os idosos se relacionam entre eles, com suas famílias e comunidade no geral, proponho-me a apresentar alguns episódios fundamentais que revelam que os idosos (beneficiários e não dos subsídios do INAS) não estão necessariamente subordinados às determinações dos seus filhos, eles têm um papel fundamental no seio dos seus grupos de relações.

### 1º Episódio

Dona Sónia (não beneficiária), chamada localmente de vovó Sónia, nos seus 73 anos de idade vive sozinha numa casa enorme, tipo 4. Esta velha, reformada como médica, teve uma vida embaraçada de dois casamentos. O primeiro casamento foi quando ela tinha 17 anos, casamento permitido pelos pais com um português. Divorciado aos 30 anos, casa-se com um cidadão de São Tomé e Príncipe, com o qual teve 5 filhos (3 mulheres e dois homens).

Aos seus 60 anos já viúva, seus filhos mudaram-se de casa, mas a velha ficou com três netos, duas meninas (uma de 15 e outra de 18 anos) e um menino de 20 anos. Esta considerou que “a vovó Sónia é muito chata, maltrata-nos e sempre diz: manduca quem trabuca”<sup>12</sup>. Não nos deixa sair de casa, a não ser para escola e mercado”<sup>13</sup>.

Sobre esta velha, um ano após a retirada dos filhos, foi concedida pelos filhos um guarda, que pudesse protegi-la durante a noite, ela e seus bens. Após um mês de trabalho o guarda abandonou-a e declarou “essa velha é uma chata, todas as noites manda-me encher garrafas de água e colocar em cada canto do seu quintal e, não sabe tratar bem as pessoas, ela grita e insulta. (...) por isso os filhos e seus netos não querem morar com ela”<sup>14</sup>.

Este episódio mostra que ser idoso não é perder uma determinada posição social, talvez ganhar outra, embora não seja positiva para todos. A velha retratada neste episódio é uma representante religiosa. Um facto comum é que assim como a conhecem na família, na comunidade, o mesmo ocorre na sua igreja “vovó Sónia é chata, talvez seja por causa da velhice”<sup>15</sup>.

Portanto, este episódio revela que o acto de envelhecer pode ser continuamente classificado e definido por meio de um determinado tipo de comportamento, aceitável como não. O comportamento desta velha não é aceite, mas é considerável. Seus filhos não têm o poder de comando da velha, pois sua única chance de seguir suas vontades e determinações foi sair da casa da avó, pois, segundo eles e seus netos, a avó constituía uma barreira para eles.

Segundo esta idosa, pessoas repudiam as outras por recurso à sua idade. O ser “chata” que se associa ao comportamento dela e a velhice, constitui um aspecto conhecido por ela e, para ela, ser determinada em modelar um conjunto de relações, constitui uma boa estratégia de auto-gestão. Portanto, para esta velha, não importa o quanto as pessoas se separam dela, desde que ela consiga manter a sua posição.

De acordo com ela:

---

<sup>12</sup> Esta expressão, geralmente significa comida pelo trabalho - come quem trabalha

<sup>13</sup> Entrevista com Júnior, neto da vovó Sónia no dia 17/11/13

<sup>14</sup> Entrevista com Bernardo, ex-guarda da casa da vovó Sónia no dia 19/11/13

<sup>15</sup> Conversa informal com dona Maria, irmã de igreja da vovó Sónia no dia 18/11/13



“[...] a vida nos reserva muita coisa no nosso dia-a-dia. Sempre fui respeitada pelo que eu tinha e não pelo que eu sou. Pessoas a nossa volta precisam aprender a lidar com os mais idosos. É um privilégio para mim estar a essa idade, embora não consiga fazer muita coisa, consigo manter o respeito. Meus filhos pensam que uma pessoa quando envelhece fica criança, não, apenas muitas ai, submetem-se aos filhos e deixam-se levar por acusações de feitiçarias porque temem enfrentar os filhos ou porque nada fizeram na sua vida”<sup>16</sup>.

## 2º Episódio

Vovó Zita, de 80 anos e não beneficiário dos subsídios aos idosos. Residiu no distrito do Magude, onde casou-se com duas mulheres e teve com elas um total de 17 filhos, dos quais 4 perderam a vida. Aos 60 anos de idade, após 2 anos de ter reformado como mineiro nas minas de África do Sul, foi expulso de Magude acusado de feitiçaria. Ele mudou-se para a cidade de Maputo, no bairro Luís Cabral. Vive com os filhos, noras, netos e bisnetos. Perdera seu estatuto em Magude no seio da comunidade, mais mentem até hoje seu status e poder de decisão no seu da sua família.

Este idoso, quando acorda, todos os dias rega a relva que plantou nos limites do quintal, faz gestão do lixo, abrindo covas para enterrar o lixo ou meter em sacos para entregar aos homens da limpeza municipal. Sua casa está à beira da estrada e, para ele, realizar as actividades transcende os interesses individuais de querer fazer alguma coisa, pois, as pessoas que estão à volta (filhos, noras e netos) é que definem as actividades para os idosos e atribuem um significado para as mesmas como uma forma de encorajar à aderência por parte dos idosos.

“[...]para além de eu fortalecer o meu corpo fazendo esses trabalhos, os mesmos constituem-se como uma forma de gerir e garantir a manutenção do meu espaço que está a se roubar com o alastramento da estrada. Meus filhos sabem que estou idoso, mas nunca aceitaram pegar numa enxada e pá para fazer o que faço. Continuo o chefe de família como quem diz, mas meu filho mais idoso é que manda. Eles dizem que tenho que fazer esses trabalhos para não ter que ficar sentado para o resto da vida sem fazer nada. (...) estou a me divertir”.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Entrevista com vovó Sónia

<sup>17</sup> Entrevista com vovó Zita no dia 14/01/14

Dependendo do clima (temperatura) do dia, o idoso Zita e sua esposa (Teresinha), das 7h às 16h sentam-se debaixo duma mafureira frente à estrada (avenida da Namaacha esquina com a rua da sucata) e põe-se a conversar. Entre eles há brigas no momento da conversa e troca de emoções. Assuntos de conversa são alheios, sendo a fofoca e as lembranças do passado assuntos que caracterizam as conversações diárias.

Para este idoso, todos os idosos deveriam ter filhos como os dele, embora reconheça que nem sempre os filhos serão perfeitos ao relacionar com os seus pais já envelhecidos. Para ele, suas actividades são alimentadas pela força que seus filhos o dão:

“Meus filhos sempre me deram forças para fazer uma coisa. Minha vida era de sair de casa para a árvore. Agora, saio para visitar alguns familiares, eu pensava que não podia. (...) lembro que um dia meu filho mais novo me perguntou se eu sabia porquê as pessoas corriam sempre (?), e eu disse não. Então, ele respondeu, eles não querem envelhecer, mas querem colocar seu corpo em acção. E falou que tinha que passar a cuidar da casa sempre que eu puder, limpar o lixo, plantar a relva”<sup>18</sup>.

### 3º Episódio

Vovó Catarina, mais conhecida por mwadjuwawa, com idade no intervalo dos 70 e beneficiária dos subsídios dos idosos, é uma das pessoas que diferente da vovó Sónia que é abandonada pela família na sua casa, ela é que não quer o amparo dos filhos e netos em sua casa, excepto em casos de doença. Ela é camponesa e vendedeira de produtos vindos das suas machambas (do Boane) e, desempenha actividades de médica tradicional.

Localmente conhecida como chata e feiticeira, sua casa cheia de árvores e plantio de banana e cana-de-açúcar, é uma das mais respeitadas pela comunidade (na sua célula e quarteirão). Explica ela, assim como fala o resto da comunidade que a conheceu antes, que era uma mulher rica, que sua vida não se comparava a qualquer outra mulher. (...) eu tinha carros, tinha bens, mas com a morte do meu marido fui perdendo cada bem<sup>19</sup>. Sua casa anda cheia de outras velhas, de idade compreendida dos 70 a 80 anos, algumas delas são amigas de infância e outras assessoras no trabalho de venda de tratamentos tradicionais.

---

<sup>18</sup> Entrevista com vovó Zita no dia 14/01/14

<sup>19</sup> Entrevista com vovó Catarina no dia 15/01/14

Mwadjuwawa nasceu em Gaza e teve uma infância diferente com outras que cresceram em Gaza. Aos 16 anos de idade conheceu seu marido João, que constituiu uma família com ele. Com a morte do marido, ficou chefe da família e, ela apenas tem filhos de sexo feminino, que com o tempo do seu crescimento foram constituindo seus lares. Vive sozinha em sua casa. Lembra ela, uma vez que a filha mais velha deu uma proposta de enviá-la a neta para cuidar dela e rejeitou - não sou criança, consigo viver e me cuidar sozinha, se não teria conseguido cuidar de vocês que são minhas filhas.

Seus discursos reivindicam autonomia e mostram firmeza nas suas capacidades de seguir a vida sem que a consideram uma velha parada<sup>20</sup>, mas alguém que sabe lutar pela vida. Sua trajetória é feita de machamba, venda de produtos alimentares (massarocas, repolhos, couve, banana, mangas, entre outros) na estrada próxima a sua residência e, à venda de medicamentos tradicionais.

Para além de ser respeitada na comunidade, ela é um objecto de diversão das crianças vizinhas. As crianças adoram vê-la falar e chateada, uma vez que não gosta de ver alguém pisar suas pequenas machambas, muito menos entrar uma bola dos meninos em sua casa.

Os meninos sempre fazem aquilo que ela não gosta e, às vezes, insulta-os frente aos seus pais e ameaça-os de visitas nocturnas “nitamu purumela ni ussiku” (literalmente significa: irei voar até vós durante a noite e, para alguns informantes, como é o caso dela, significa fazer fictício contra eles, uma vez que se tem a crença de que o fictício só se faz de noite).

Esta velha afirma que recebe a família para ficar, condicionalmente, com ela, em casos de doença. Lembra ela que uma vez teve um ataque de vertiz durante a noite, que o fez efectuar um telefonema para a filha mais velha na mesma noite, como ilustra o trecho:

“Quis morrer uma vez, vi a morte sombrear a minha frente. Como não tenho e nem sei usar telefones, costumo recarregar o telefone numa minha vizinha e, ela liga para a minha filha e eu falo com ela. Numa noite de chuva, depois numa trovoada, vi o mundo a cair e gritando

---

<sup>20</sup> Entrevista com Vovó Catarina no dia 15/01/14

pela ajuda fui rastejando à vizinhança para pedir com que ela ligue para a minha filha que vive na Matola Trevo”<sup>21</sup>.

Uma coisa interessante é que a idosa mwadjuwawa tem três filhas e netos que vivem no mesmo bairro, que para falar com elas nem precisaria falar ao telefone. Ela explica o porquê não os coloca no topo da sua lista quando o assunto é pedir socorro:

“Quando se fica idoso, alguns fogem e outros querem cuidar. Não peço socorro a estas aqui, porque estão interessadas naquilo que tenho, então, a outra sempre que a ligo independentemente do quê, ela está aqui e, a primeira coisa é minha saúde. As outras perguntam se tenho dinheiro para me levarem ao hospital. Se são minhas filhas porquê não me usam o dinheiro delas (?)...<sup>22</sup>

Segundo ela fazer alguma coisa na vida que beneficie a ela, talvez aos outros, é muito bom na vida, pois, a gratidão das coisas sobra para quem as faz. Para ela, o que ela faz não é porque ela quer, mas porque ela vê outros (as) idosos (as) que passam a vida a ficar em casa e no fim eles são castigados pelos filhos e netos, até repudiados pela comunidade porque nada faz na vida se não esperar pelo prato que as filhas, noras e netos terão que servir.

Estes três episódios, embora não procurem ir ao fundo das histórias de vida dos idosos, mostram como é que as suas trajectórias actuais tendem a ser o que elas são. Os discursos destes idosos, em parte mostram que os idosos tendem a ser, não somente desprezados, mas a lhes ser aberto um espaço por onde eles possam mostrar quem eles são.

Estes três episódios mostram que a vida dos idosos segue uma lógica própria, que se por um lado precisa de ser compreendida nas experiências e trajectórias de vida, ela precisa ser colocada à luz dos afazeres da vida quotidiana, por outro lado.

Esta afirmação mostra que as abordagens projectistas não conseguem mostrar os processos pelos quais os idosos e a sua comunidade no geral interagem, dado pelo facto de terem se orientado pela forma como as políticas do Estado tenderam a olhar para o envelhecimento, e limitando-se no pressuposto segundo o qual existe uma exclusão social dos idosos.

---

<sup>21</sup> Entrevista com vovó Catarina no dia 15/01/14

<sup>22</sup> Entrevista com vovó Catarina no dia 15/01/14

Estes idosos afirmam que existem casos de exclusão, mas depende da relação em que os pais vinham tendo com seus filhos nos tempos passados. Zita refere que seus filhos precisariam voltar ao passado para o desrespeitarem, pois ele só deixará de ser chefe da família. A propósito disso, afirmou:

(...) meus filhos sempre me respeitarão. Um chefe de família sempre continua chefe de família, mesmo quando morre, sempre falarão dele como chefe da família. Aceito que alguns são chamados de feiticeiros pelos próprios filhos, mas eu não, embora me tenham expulsado por essa acusação em Magude, meus filhos estão aqui. Vejo meus filhos a comer coisas que não nos dão, apenas comem com as suas mulheres e, isso é normal, eles precisam ter todo o tipo de privacidade no quarto, mas eles sabem quem é o chefe da família e quem formou a mesma família<sup>23</sup>.

Estes episódios revelam um outro aspecto, que permite-me afirmar que certos relatórios sobre a exclusão dos idosos, particularmente sobre a acusação da feitiçaria, como relatórios do “Help Age International em Moçambique”, carecem de fundamentos específicos, em termos de bases informativos a nível daqueles que se consideram excluídos. Estes episódios mostram que o processo da exclusão pode estar relacionado com o sucesso da trajetória dos actores sociais que hoje podem ser classificados como idosos.

Por exemplo, considerações do idoso Zita parecem explicar o porquê ele vivem em um bom clima com o resto da família (no trecho acima) e, declarações de uma informante sobre o seu relacionamento com o pai, pareceram que embora vivam com o pai, suas lembranças sobre os feitos do pai no passado, tendem a exprimir um sentimento de exclusão, embora, seja uma exclusão a nível de memória, como ilustra o seguinte trecho:

(...) lembro-me como eu e outros meus irmãos sofremos quando crianças. Nossa mãe sacrificava-se muito por nós enquanto ele vivia um ambiente de luxo na África do Sul e, sempre que viesse a Moçambique, ficava em casa de outras mulheres e nunca chegava em casa para pelo menos saber como estávamos. (...) hoje está nestas condições, anda doente, por causa da idade não consegue se locomover para certos sítios, mas não abandonamos, embora tenhamos o sofrimento que ele nos fez passar...<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Entrevista com vovó Catarina no dia 15/01/14

<sup>24</sup> Entrevista com vovó Zita no dia 14/01/14

É necessariamente sobre este pormenor, que a abordagem projectista não tomou em conta, a interacção entre os idosos com suas famílias. O idoso que se retrata no trecho acima, se não está a dormir está numa sombra sozinho tirando unhas, lendo jornal, enfim, poucas vezes está conversando com a sua família. Mas, há um outro elemento interessante sobre este idoso pois, durante as visitas de campo, surpreendíamos a ele conversando e conversando com outro idoso.

As tipificações desenvolvidas por Schutz (1979), que se revelam em micro eventos sociais, no campo de pesquisa se mostram como um facto, mas elas não são tão sistemáticas como considerou Schutz. A intersubjectividade caracteriza a vida social dos idosos de Luís Cabral e ela vê-se construir pela (com) partilha do quadro de significados e tipificações que estabelecem uma comunicação e interacção significativa entre os actores envolvidos.

As narrativas apresentadas em forma de episódios acima, mostram que os repertórios de valores e regras de comportamento dos indivíduos não são como dados que os indivíduos podem os ter em mão, como se tais repositórios fossem coisas e, revelam o contrário ao que foi considerado por Schutz (1979), que o conjunto de valores e regras que se fazem sentir no comportamento dos idosos, não podem ser vistos como aqueles que definem caminhos para o alcance de objectivos e interesses individuais, mas sociais.

### **5.3.1. Interações entre idosos**

Episódios acima mostram que embora, alguns idosos desenvolvem algumas actividades (remoção de lixo, abertura de covas, costura), para além de ser actividades que ocorrem no domínio individual, tem de ser ter em conta que sua produção é colectiva, que seus benefícios transcendem, quando têm uma representação individual (o caso dos episódios), a dimensão individual para referir a um conjunto de normas e valores que estruturam as relações de grupos familiares.

Portanto, a interacção entre os idosos constitui como um espaço de reflexão e criação de expectativas de vida a partir de memórias da fase juvenil. Para mostrar como é que a interacção entre estes idosos abre uma oportunidade de reflexão, recorro às suas memórias sobre uma determinada fase e, com vista a mostrar como a literatura tendeu e tende a negligenciar essa relação.

Esta secção permitirá defender, como defendeu Dos Santos (2002), que os idosos estabelecem uma relação entre eles, daí que suas lembranças são um elo de continuidade entre a velhice e outras fases anteriores da vida.

Permite, também, rejeitar pressupostos biomédicos, que podem ser compreendidos em Siqueira et al (2002), que afirmam que existem focos de estudo sobre a velhice baseados na biologia que consideram-na como sendo uma fase da vida de várias patologias sendo que merecem atenção especial do Estado. Porém, apresento resumidamente um episódio, um de dois idosos que se juntam para conversar e comer juntos.

### Episódio

Vasco e Castro, ambos de 80 anos, embora tenham trajetórias de vida diferente (um machangana e outro machopi), suas trajetórias tendem a seguir um único sentido. Estes são vizinhos. Ambos vivem com seus filhos e netos, mas o primeiro trabalha como segurança em regime único (diurno).

O segundo não tem as mesmas habilidades de locomoção que o primeiro, mas ambos beneficiam dos subsídios do INAS. É habitual, eles passarem refeições juntos. Pelas 19h, o filho mais novo de Vasco leva as tigelas de comidas de sua casa para a casa de Castro. Eles ficam na mesma mesa e comem juntos. O idoso Vasco come da comida feita em casa de Castro e vice-versa.

Para eles comer junto é importante. Conversa sobre a fase da juventude marca as suas refeições. Por exemplo, o idoso Castro conta a sua experiência da juventude que foi passada na pastorícia.

“A minha juventude foi algo muito diferente com o que os nossos netos estão vivendo. No meu tempo a vida era dura, nós íamos a pastagem. Lembro que lá os mais idosos faziam-nos lutar uns aos outros mesmo sem motivos, mandavam-nos ir roubar ovos”<sup>25</sup>.

Ainda sobre as conversas da fase juvenil salientou-se:

---

<sup>25</sup> Entrevista com Castro no dia 16/01/14

“(...) lembrás daquelas brincadeiras que quando meninos costumamos fazer? Esses meninos não sabem fazer. (...) única coisa que faz a nossa infância da dos jovens actuais é que eles ainda crianças já bebem muito, fumam suruma e mais drogas e isso não nos agrada como pessoas que passamos dessa idade”<sup>26</sup>.

Este episódio mostra que as interacções entre os idosos exprimem explicita e implicitamente representações sobre as fases da vida, que tendem a reclamar alguma coisa. Mostra ainda que encontros entre idosos abrem um espaço para o rejuvenescimento em termos da memória, onde esta memória constitui-se como um factor importante nas suas vidas, jogando um papel preponderante nas relações que eles vão tendo cujas experiências de vida tendem a enfatizar e comparar os tempos da juventude antiga e actual.

Embora importante (a abordagem projectista) por compreender um conjunto de elementos que (des) articulam e (des) configuram as relações entre os actores sociais envolvidos em função das estratégias adoptadas durante o seu percurso temporal da vida, esta abordagem é problemática, pois, reproduz uma visão de política pública, que a partir da idade define quem é capaz e quem não é, concentrando no espaço, ordenando o tempo, centralizando a autoridade e racionalizando os esforços dos que são definidos como idosos.

Esse episódio permite chamar atenção às explicações generalistas que têm girado em torno do fenómeno do envelhecimento. Se formos a ver, como revelam os dados etnográficos, as interacções entre os idosos precisam ser colocados à luz de uma análise mais detalhada e abrangente, que é pertinente para fazer-nos entender, enquanto pesquisadores sociais, como é que se produzem as heterogeneidades quando se trata duma única problemática. Essa afirmação associa-se nas considerações do Graeff (2005), segundo as quais, a velhice é um processo que envolve várias assimetrias socioculturais.

A relação em que os idosos estabelecem, seja com sua família, assim como com os membros da comunidade, não é tão linear, fechadas e de exclusão como as abordagens tenderam a afirmar e, muito menos as actividades desenvolvidos por idosos estão fechados no nível individual e singular dos seus interesses, mas sim estão ao nível das expectativas da sua colectividade.

---

<sup>26</sup> Entrevista com Vasco no dia 16/01/14



Este episódio mostra também, assim como mostrou Lins de Barros (2006) num artigo sobre a trajetória dos estudos da velhice no Brasil, que a velhice não está isolada dos processos sociais. São esses processos sociais, que permitem compreender que o tempo do passado elaborado pelas lembranças está conjugado com outra dimensão do tempo, o tempo da biografia de cada indivíduo que, na sociedade moderna significa trajetórias de vida.

Esses processos e lembranças, não podem ser pensados numa perspectiva de um futuro vislumbrado na construção de projectos de vida, pois os idosos do contexto em estudo, acham-se num último estágio de vida, o qual pode significar uma reforma na vida.

#### **5.4. Acesso ao subsídio básico de acção social: manipulação e negociação das formas de acesso**

Na secção anterior explorei as narrativas individuais dos idosos de Luís Cabral e mostrei que a singularização e individualização dos projectos de vida (das actividades que os idosos levam a cabo no seu dia-a-dia) são determinações sociais e, estão para além das vontades individuais.

Mostrei ainda que os processos e memórias que se associam ao fenómeno de envelhecimento não podem ser pensados numa perspectiva de um futuro vislumbrado na construção de projectos de vida, pois os idosos do contexto em estudo, acham-se num último estágio de vida, o qual pode significar uma reforma na vida.

Nesta secção, parto da expressão “acamados” para mostrar como a visão político-administrativo que caracteriza os discursos dos representantes locais de distribuição dos subsídios tendem a criar uma imagem sobre a velhice.

Ora, é necessário afirmar que a expressão de “acamados” constitui-se, como mostraram autores como Goffmann (1974), Reis (2012) e Schutz (1979), como uma forma através do qual pode se compreender os processos de negociação registados mapeados textualmente.

Portanto, estes processos de negociação permitem permear definições em torno do envelhecimento no que se refere aos seus conflitos, desencontros e reelaborações. Essas reelaborações serão mostradas através dos documentos formais que funcionam como um espaço de elaboração de relatórios estatísticos e, das representações que são associados aos idosos no bairro.

Este princípio chama-se subsidiário, onde as autoridades centrais apenas devem ter uma função subsidiária desempenhando as funções que não possam ser desempenhadas num nível mais descentralizado (Moçambique, 2010).

##### **5.4.1. Mecanismos de Acesso ao Fundo**

Segundo o documento da Estratégia de Segurança Nacional Básica 2010-2014 (2010: p.21-22), compreende-se que o sector da Mulher e Acção Social está perante certas limitações em termos da capacidade institucional e de recursos disponíveis, onde considera-se que em

relação à dimensão das necessidades de protecção social existentes, este sector terá que focalizar os seus esforços em programas prioritários de acordo com o seu mandato, adoptando critérios que apontam para a assistência social directa às pessoas pobres e sem capacidade física para trabalhar.

Portanto, parte-se do pressuposto de que não existem mecanismos e critérios formais únicos que possam orientar todo processo de aquisição e atribuição dos subsídios sociais básicos às pessoas idosas.

Nesse sentido, o Governo reconhece este obstáculo e adoptou instrumentos descentralizados de concessão da autonomia às administrações locais dos departamentos ligados ao sector da protecção social, tendo introduzido os mecanismos simples de elegibilidade como estratégias mais eficientes para o acesso aos subsídios.

É aqui que diferentes departamentos locais que administram esse subsídio, têm autonomia de administração e criação de critérios de acesso ao fundo. Embora não se compreenda efectivamente em consistem esses mecanismos simples e elegíveis, as administrações locais tendem a definir os mecanismos de identificação dos potenciais beneficiários dos programas de protecção social básica.

No bairro Luís Cabral, os permanentes são eles que estão a volta desse processo, que em conexão com os representantes dos quarteirões, procuram fornecer evidências de que as elegibilidades dos indivíduos, particularmente das pessoas idosas podem servir como ponto de entrada eficaz para beneficiar o agregado familiar onde os idosos estão inseridos, daí que definiram os seguintes critérios básicos para o acesso ao subsídio:

- Bilhete de Identidade/Cédula Pessoal/Cartão de Eleitor dos candidatos aos subsídios
- Em caso de existirem crianças órfãs sob a tutela dos idosos, exige-se (foto)cópias dos documentos dos netos ou filhos que compõem o agregado familiar
- Testemunho do Chefe do Quarteirão em relação a situação do candidato ao subsídio
- Ficha de candidatura a ser preenchida pelos permanentes

Para além dos critérios necessários, gostava de tecer algumas considerações a respeito dos documentos que comprovam o número de agregado familiar a ser tutelado pelos idosos e, o de testemunha do chefe de quarteirão.

Os idosos junto das suas famílias apropriam-se e reconfiguram os discursos políticos sobre o envelhecimento e reestruturam o sistema de protecção social, particularmente sobre o fundo disponibilizado especialmente para idosos, adoptado pelo Governo por intermédio do Ministério da Mulher e Acção Social.

De vários casos que foram presenciados em entrevistas nas casas dos idosos e em conversas no acto da recepção do subsídio na administração local do bairro (círculo), uns episódios foram-me atraentes e merecedores de apressado em termos de análises antropológicas.

### **1º Episódio**

Uma idosa de nome Sandra que reside no centro do bairro, vive com uma filha que já esteve em três lares e, 3 netos produtos de três relações conjugais. Esta velha é beneficiária dos subsídios já a mais de 6 anos. Em 2010 foi dada como morta e, como entre os administradores locais desse valor, quando um idoso é dado como morto/desaparecido, é desactivado do sistema<sup>27</sup>. Em 2011 a velha retorna aos subsídios e, é lhe cobrada uma documentação.

Ela forneceu toda a documentação necessária, mas no número de agregado familiar consta um número acima das crianças do seu agregado familiar. Segundo ela, o valor subsidiado é muito pouco e precisava aumentar o número do seu agregado familiar.

Para tal, ela recorreu ao chefe de quarteirão (seu segundo ex-genro) e implorou pelo testemunho de que ela não está em condições de auto-sobrevivência e que tinha um número maior de órfãos a ser tutelados. O chefe de quarteirão forjou e silenciou algumas informações a respeito dessa velha.

A idosa recebe um valor correspondente a 750 meticais por mês e, desse valor é descontado 100 meticais como forma de pagamento dos nomes acrescentados na lista de agregado familiar. De acordo com ela:

---

<sup>27</sup> Esta informação foi obtida a partir dos relatórios produzidos pelos permanentes

“(…) o valor que nos dão como subsídio é muito pouco, 300 meticais é mesmo pouco. Tive que conversar e pedir ao meu segundo ex-genro que é chefe de quarteirão para me ajudar para pelo menos eu ter um dinheiro que compra um saquito de arroz”<sup>28</sup>.

Ainda sobre a mesma questão salientou-se:

“(…) não tive opção, a não ser que cometer a fraude e testemunhar a favor da minha sogra. (...) ela realmente precisava, e eu tinha que ajudar a ela. Não causará nenhum problema nem para mim muito menos para ela. (...) as fotocópias dos documentos das crianças foram aumentadas, não existe ninguém que a conhece, a não ser eu”<sup>29</sup>.

Este episódio poderia ter sido explorado mais ainda para compreender a extensão das redes de relações que tendem a ser construídas entre os idosos, comunidade e os representantes locais. Particularmente, este episódio pode ser colocado a luz das próprias limitações dos sectores ligados a Protecção Social que tende a ser vista como ineficaz na elaboração dos mecanismos do acesso aos subsídios.

Ora, por outro lado, este episódio revela aquilo que tinha afirmado acima sobre a apropriação dos discursos políticos e manipulação das políticas de acesso a esse subsídio formuladas localmente. Esse processo de manipulação não é novidade quando o assunto envolve a relação entre as comunidades com as políticas públicas.

Este episódio permite refutar as considerações de Wedel et al (2005) sobre a relação entre a comunidade e as políticas públicas, o que revela que embora se construa essas determinações subsidiais em contextos específico e aplicada/allocada em outros contextos socioculturais específicos, como Luís Cabral, entre os residentes e beneficiários, ela se reconstrói a partir de um campo de inter-relações entre os que são tidos como representantes e distribuidores aos idosos.

Partindo das considerações de Sugahara e Francisco (2012), associadas a políticas demográficas, associa o episódio ao que estes autores chamaram “(...) governantes e outros fazedores de políticas públicas também não ajudam, pelo facto de estarem mais preocupados com questões de imediato ou curto prazo do que com os desenvolvimentos de longo prazo” (p.295), dado que o governo não se preocupou em garantir que haja, pelo menos um critério

---

<sup>28</sup> Entrevista com Sandra no dia 10/01/14

<sup>29</sup> Entrevista com Alberto, chefe de quarteirão dia 11/01/14

de acesso eficiente e, optou por uma descentralização que eu chamaria de autonomizada, onde todas as determinações sobre os mecanismos de acesso aos subsídios confiaram-se aos representações locais.

Por outro lado, os dados revelam que as manipulações dos critérios localmente traçados são produto de uma crença segundo a qual, os chefes de quarteirão conhecem melhor aqueles que os representam, daí que todos os que quisessem ter acesso precisariam de um testemunho do seu chefe de quarteirão.

Ao analisar a política pública como uma prática de exercício de poder, Peró (2011) mostra-nos que para além da política pública ter um poder de criar subjectividades, ela é reformulada e contestada nas subjectividades que ela produz.

Neste sentido, este episódio, a partir das ideias construídas sobre a relação entre os representantes dos quarteirões e seus súbditos, permite-nos compreender que, embora os idosos sejam definidos e representados pelas administrações locais como grupos subalternos, eles se posicionam e desafiam a hegemonia da política pública, tornando suas determinações como prática contestada no mundo social e cultural no qual ela é implantada.

#### **5.4.2. Recepção dos Subsídios**

Após ter-se registado os idosos que pretendem ter acesso aos subsídios, todas as fichas são levadas para uma equipa que tendo em conta os critérios necessários irá autorizar ou não a concessão dos subsídios aos candidatos. Segundo um dos delegados que está envolvido neste processo, existem idosos que têm idade para se beneficiarem (55 anos para as mulheres porque elas envelhecem cedo que os homens e, 60 para os homens porque são mais fortes que as mulheres).

“Infelizmente há idosos que reúnem requisitos para se beneficiarem do fundo, mas segundo testemunham seus chefes de quarteirões, eles pelo menos têm alguém que os sustenta”<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Entrevista com a Marta, permanente do bairro no dia 17/01/14

As declarações desta permanente mostram que a tal elegibilidade referida no documento sobre os subsídios, não é tão efectiva quanto eles pensam. Pois, idosos que dizem que não têm quem os cuidar, têm e, os que dizem que têm, não têm.

Este processo mostra que a confiança que se deposita aos chefes de quarteirões como aqueles que conhecem melhor os seus idosos tende a falhar e a acentuar desigualdades no processo de distribuição dos subsídios aos idosos.

Documentos estatísticos elaborados pelos delegados e permanentes, que até um certo ponto são tornados oficiais pelo sector da Mulher e Acção Social, mostram que embora exista uma crença de um determinado número dos idosos beneficiários dos subsídios, existe uma oscilação deste número.

Por exemplo, o ano 2012 foi marcado por um número constante de 185 beneficiários, com um valor que tendeu a oscilar entre os dezoito mil e oitocentos meticais (18.870) alocados para o bairro.

Estes documentos para além de ser um instrumento de gestão e controlo do processo de distribuição dos subsídios, por si sós constituem-se como documentos que relatam todo o processo, desde que preenchidos com clarividência.

O programa de subsídio pode ser compreendido como um instrumento político que procura, não só colocar uma determinada camada social (aparentemente desprezada e incapaz) num contexto de dignidade perante o público, mas também, garantir o controlo estatístico através dos registos fornecidos por esses documentos, sobre o número dos que se beneficiaram num determinado mês e os que não, por motivos da morte assim como não.

Em relação a este ponto de controlo da dita população idosa, pode se compreender pelo facto dos documentos produzidos sobre a distribuição dos subsídios justificarem porque o número de beneficiários tendem a diminuir.

Por exemplo, diferentemente dos 185 beneficiários de 2012, em 2013 o número dos beneficiários baixou numa média de 3%, embora o valor alocado tenha subido de 18.870 para 37.110 meticais. Questionados o que justificava tal redução do número dos beneficiários, responderam o delegado e a permanente:

“Cada dia é um dia, enquanto alguns idosos se preocupam em se tornar beneficiários, outros vão saindo. Alguns idosos não estão mais na lista porque faleceram e outros simplesmente não temos nenhuma informação das suas famílias, daí que incorporámo-los, também, na lista dos desaparecidos por morte e ficam desactivados do sistema de subsídios”<sup>31</sup>

Em relação a estas considerações, tendo como foco autores como Nyquist (2011) e Però (2011), a introdução dos subsídios sociais básicos para o apoio aos idosos, pessoas deficientes e crianças órfãs constitui-se como um processo da descentralização que vigorou nos anos 90 (e vigora) no sistema nacional moçambicano.

A análise destes documentos estatísticos sobre os subsídios sociais básicos, revela que as políticas, como o caso das de protecção social, criadas pelo Estado são tidas não só como mecanismos de governação, mas como instrumentos tecnológicos que sustentam essa governação e suportam a responsabilidade do Governo em relação a sua população.

---

<sup>31</sup> Entrevista com Mateus e Marta no dia 17/01/14



## 6. Considerações Finais

Neste relatório de pesquisa analisei as práticas do quotidiano dos idosos no Bairro Luís Cabral, a partir da observação de interações entre grupos de idosos, suas famílias e membros do Instituto Nacional de Acção Social (INSS), com especial foco nos subsídios básicos alocados neste.

Desta pesquisa foi possível que, por um lado, compreender que o acto de envelhecer é tido como símbolo que medeiam as respostas sobre as trajectórias do seu dia-a-dia, onde é através da memória que os idosos conservam sua experiência de vida e depositam sua esperança na manutenção e expansão das redes de relações e fortalecimento da solidariedade. Por outro lado, permitiu compreender como essas memórias garantem, também, a manutenção da posição dos idosos como chefes de famílias, mediadores entre os vivos e os antepassados, assim como os mediadores de conflitos entre as suas famílias.

Como resultado da análise dos dados da pesquisa, por um lado, foi possível compreender que nas interações os actores envolvidos se produzem as noções e categorias sobre o acto de envelhecer e as fundamentações político-administrativos que circundam essas representações. Por outro lado, a partir desta análise, este trabalho refuta que não existe ruptura entre a fase juvenil e a de velhice, pois, através da memória os idosos revivem (simbolicamente) a sua juventude nas conversas com os idosos amigos e esposas, nas suas casas ou mesmo em ambientes de consumo de bebidas de fabrico caseiro.

As conclusões deste estudo permitem problematizar a visão generalista e naturalista que caracteriza a abordagem asilista e, a visão exclusiva que predomina na literatura sociológica, que para além de negligenciar os aspectos simbólicos e culturais que interferem na concepção do ciclo de vida como uma construção social, ignoram e isolam as relações que os idosos têm com os jovens e outros idosos que, em parte são produzidas nas dinâmicas históricas das trajectórias e experiências dos actores dos mesmos idosos.

Porém, este estudo aproxima-se às conclusões de Graeff (2005) e Reis (2012), fundamentadas em pesquisas etnográficas sobre os idosos e, às abordagens de Nyquist (2011), Però (2011) e Wedel *et al* (2005), também baseadas em pesquisas etnográficas viradas para a análise das políticas públicas.

## 7. Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. 1971. “A velhice: As relações com o mundo”. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

BERGER, Peter; Luckmann, Thomas. 1997. *”A construção social da realidade”*. Rio Petrópolis: Vozes.

BOSI, Eclea. 1987. *Memória e Sociedade: Lembrança de Idosos*. São Paulo: Companhia das letras.

CHAVANE, André. 2012. “Luís Cabral–Chinhembane: origem, Dinâmica e percurso Histórico 1975”. Maputo.

Disponível em <http://bairroluiscabral.blogspot.com/2012/08/historial-do-bairro-luis-cabral.html> (consultado dia 29/03/2014 as 14h20’)

Da MATTA, Roberto. 1985. “Espaço-casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil”. In: DaMATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense.

DEBERT, Guita Grin. 2004. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: FAPESP.

Dos SANTOS. G. A. 2002. “Os conceitos de saúde e doença na representação social da velhice” in: *Revista virtual textos e contextos*.

DURKHEIM, E. 1970. *Representações individuais e Representações colectivas*”. In: Sociologia e filosofia, 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FRANCISCO, António; et al. 2013. *Como Vivem os Idosos em Moçambique?* Maputo: IESE. Seminário de Trabalho apresentado no dia 15/05/13.

FROY, Carlos Elídio. 2010. “Representações Simbólicas da Alimentação: Um Estudo Qualitativo na —Bósnia do Tangará no Campus Universitário da UEM em Maputo”. Maputo: UEM/FLCS. (Dissertação de licenciatura em Sociologia).

GOFFMAN, Erving. 2002. *O Interacionalismo Simbólico*. Lisboa: Editora Papyrus

GOFFMAN, Erving. 1983. *A Representação do EU na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2ª Ed.

GRAEFF, Lucas. 2005. “O mundo da velhice e a cultura asilar : estudo antropológico sobre a memória social e cotidiano dos idosos no asilo padre cacique, em Porto Alegre”. Porto Alegre. UFRGS-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

HELP AGE INTERNACIONAL. 2006. “Abuso da pessoa idosa – um assunto vivo”. Maputo: Vozes, nº16.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes 2003, “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”, In: M. M. Lins de Barros (org.), *Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 3.<sup>a</sup> ed. Pp. 113-168.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. 2006. *Trajetória Dos Estudos De Velhice No Brasil*. Rio de Janeiro: Sociologia, Problemas E Práticas, n.º 52, 2006, pp. 109-132.

MENDES, Cristina K.T.T et al. 2006. “Avaliação das Necessidades do Idoso Acamado na Comunidade”. São paulo.

MOSCOVICI, Serge. 1978. *Representação Social da psicanálise*”, Rio de Janeiro: Zahar.

NUNES, Karla C.D; Sousa. 2006. “Construindo a identidade do idoso de actor político a sujeito de direitos especiais ou identificado”. São Paulo.

PEIRANO, M. 1995. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Domará

REIS, Rodolfo Moraes. 2012. O notável envelhecimento: imagens e narrativas midiáticas do envelhecer contemporâneo. Brasília: Universidade de Brasília. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. 2010. “Estratégia Nacional de Segurança Social Básica 2010-2014”. Maputo: MMAS.

SIQUEIRA, R., BOTELHO, V. M. I. e COELHO, F. M. G. 2002. “Velhice: algumas considerações teóricas e conceituais”. *Ciência e saúde colectiva*, vol. 7 (4), pp. 899-906

SUGAHARA, G.T.L.; FRANCISCO, A., 2011. Idosos em Moçambique: Romper a Conspiração do Silêncio. Maputo: IESE

## **8. ANEXOS:**

### **Guião de entrevistas, ao meu grupo alvo: Idosos (não) beneficiários dos subsídios básicos.**

(Idade, nacionalidade, estado civil)

Beneficia-se de algum apoio de segurança social? Sim/Não-porque?

O que fez para ter acesso a esse subsídio?

O que faz na sua vida?

Como se relaciona com as pessoas da sua família, da comunidade e da distribuição do dinheiro?

Como se relaciona com os outros idosos beneficiários ou não?

### **Guião de entrevistas para a família/comunidade**

(Idade, nacionalidade, estado civil)

Na sua casa tem um idoso? Se sim, ele se beneficia dos subsídios básicos? Como se relacionam com ele?

O que significa ser idoso?

Como tem sido o dia-a-dia do idoso da sua casa (dos idosos que você vê no dia-a-dia)?

### **Guião de entrevistas para os representantes do INAS a nível local**

(Idade, nacionalidade, estado civil)

Como vocês definem o ser idoso?

Quais são os critérios para se aceder aos subsídios básicos para os idosos?

Como informam os idosos sobre a existência dos subsídios?

Existe uniformidade na distribuição dos subsídios por cada idoso? Se não, porque?